

BARRETO, Maria Cristina Rocha. A Sociedade Transparente segundo Byung-Chul Han.. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v.18, n.54, p. 119-122, dezembro de 2019 ISSN 1676-8965.

RESENHA

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

A Sociedade Transparente segundo Byung-Chul Han

The Transparent Society by Byung-Chul Han

Maria Cristina Rocha Barreto

HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2018. 116p.

Byung-Chul Han, nasceu em Seul, capital da Coreia do Sul, em 1959. É um filósofo sul coreano com uma trajetória de vida *sui generis*. Inicialmente estudou metalurgia logo após terminar o ensino médio e, depois de uma explosão química em sua casa, resolveu mudar-se para a Alemanha, mesmo sem saber falar a língua do país. Daí em diante mudou completamente seus interesses de estudo e, em Munique, especializou-se em literatura e teologia alemã, depois seguiu para Freiburg, onde concluiu seu doutorado em filosofia, em 1994 (WEST, 2017), com uma tese sobre Martin Heidegger (HAN, 2014). Desde 2012, Han é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Faculdade de Artes de Universidade de Berlim (CUNHA, 2015).

Ele discorre em frases curtas e em um texto fluido sobre os problemas do homem contemporâneo, e pode ter sido essa característica, além de uma atualização na leitura de autores relativamente esquecidos da década de 1970, que atraiu a atenção para seus trabalhos em outros países fora da Alemanha. O primeiro a ser publicado foi *A Sociedade do Cansaço*, em 2017 (em inglês *The Burnout Society*, 2010). No Brasil, seus trabalhos têm sido publicados pela Editora Vozes como *Sociedade da Transparência* (2017) – aqui resenhado –, *Agonia do Eros* (Petrópolis: Vozes, 2017), *No Enxame: perspectivas do digital* (2018), *O que é Poder?* (2019); *Hipercurturalidade: cultura e globalização* (2019) e *Bom Entretenimento* (2019).

Han possui influências intelectuais diversas, facilmente comprovadas na leitura de sua obra, que passam por autores como, entre outros, Hegel, Heidegger, Nietzsche, Adorno, Benjamin, Simmel e Freud, no espectro alemão, mas também traz para a reflexão pensadores de outras nacionalidades como Baudrillard, Barthes, Sennett, Agamben, entre outros.

O livro *Sociedade da Transparência* está dividido em nove capítulos, nos quais o autor examina as características da sociedade contemporânea

que, segundo ele, exige exposição e publicização de tudo e de todos. Logo no primeiro capítulo, *So ciedade Positiva*, começa por demonstrar a ubiquidade do tema principal do livro, que domina o discurso público e que se combina com a ideia da liberdade de expressão. Afirma que a sociedade da negatividade vai dar cada vez um maior espaço para a positividade, ou seja,

quando [as coisas] se tornam *rasas e planas*, quando se encaixam sem qualquer resistência ao curso raso do capital, da comunicação e da informação. As ações se tornam transparentes quando se transformam em *operacionais*, quando se subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle. (HAN, 2017, p. 10).

120

Refuta, porém, a ideia superficial de que a transparência se relaciona apenas com a questão da corrupção e da liberdade de informação, uma vez que ela envolve, *modifica, acelera a comunicação e uniformiza todos os processos sociais*. Esta é a positividade que substitui a negatividade do outro, do estranho. A transparência, para Han, é uma violência e transforma o ser humano em um “elemento funcional de um sistema” e defende que se mantenha certa privacidade em detrimento de uma total “iluminação”.

A alma humana necessita naturalmente de esferas onde possa estar *junto de si mesma*, sem o olhar do outro. Pertence a ela uma impermeabilidade. Uma total ‘iluminação’ iria *carbonizar* a alma e provocar nela uma espécie de *burnout psíquico*. Só a máquina é transparente; a espontaneidade... e a liberdade, que perfazem como tal a vida, não admitem transparência. (HAN, 2017, p. 13).

A total transparência, excesso de informações e de exposição, exige a eliminação da esfera privada e, no entanto, “o ser humano *se quer* transparente *para consigo mesmo*”. É impossível que ela aconteça entre os indivíduos, então, não sendo nem mesmo desejável, para poder manter vivas as relações. É preciso manter de algum modo a alteridade, a privacidade, protegendo da total iluminação *os lugares de refúgio discretos*, sem o que o mundo se torna desavergonhado e desnudo (HAN, 2017, p. 14-15).

A sociedade positiva, ao mesmo tempo, não admite a negatividade e é desse modo que esquecemos como lidar com o sofrimento, como lhe dar forma, e também onde o amor é *uniformizado* e “é nivelado em um arranjo de sentimentos agradáveis e de excitações complexas e sem consequências” *visando o consumo e evitando qualquer profundidade*. Da mesma forma, Han inclui a Política na esfera da negatividade, uma vez que se apóia em ações estratégicas que exigem ocultação. Uma Política transparente seria feita de opiniões sem ideologia, sem cor, “... a atual *sociedade da opi*

nião deixa intocado aquilo que já existe. A flexibilidade da *liquiddemocracy* consiste em trocar cores, dependendo da situação...” (HAN, 2017, p. 23). A sociedade positiva é, para Han, uma sociedade de acúmulo de informações que não produzem verdade, pois a elas faltam-lhes direção, saber e sentido, em uma expressão, *falta-lhes ser* e precisão.

No segundo capítulo, *Sociedade da Exposição*, Han traz para a discussão autores como Benjamin, Barthes, Baudrillard e Heidegger mostrando como esta positividade exige a necessidade de exposição das mercadorias para que as coisas possam *ser*. É a predominância do valor expositivo sobre o valor cultural, o império da visibilidade que faz desaparecer a *aura* como um distanciamento. Lembra Benjamin (1993) para demonstrar que o semblante humano hoje possui apenas valor expositivo, transformado em *face*, e perdeu sua autenticidade através do Photoshop.

A *face* é o *rosto exposto* sem qualquer ‘áurea da visão’. É a *forma de mercadoria* do ‘semblante humano’. A *face* como *superfície* é mais transparente do que aquele rosto ou semblante que representa... o lugar excepcional no qual irrompe a *transcendência do outro*. A transparência é uma contrafigura da transcendência, e a *face* habita a *imanência* do igual. (HAN, 2017, p.29).

Esse valor de exposição é radicalizado na fotografia digital, que expurga toda a negatividade do tempo, do devir, do envelhecer e do morrer. A fotografia digital tal é transparente, não é mais testemunho do que foi. Não é mais como afirmado por Barthes, que a “data é parte da foto” trazendo a percepção da vida, da morte, do desaparecer inevitável das gerações (HAN, 2017, p.31).

A sociedade da exposição é então, para Han, uma sociedade pornográfica onde tudo é mostrado, tudo é desvelado e voltado para fora. Ela elimina o mistério das coisas, levando à alienação do corpo, que é transformado em objeto explorado. E este valor expositivo requer uma bela apa-

RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção v.18 n.54 dezembro de 2019 ISSN 1676-8965

rência e é por ela maximizado. O que é interior não tem valor, pois é invisível e não chama a atenção, roubando a própria face dos indivíduos – não é mais possível ser sua própria face – levando a um vazio de sentido (HAN, 2017, p.32-37).

Esta sociedade da exposição é complementar à sociedade da evidência, cuja positividade é inimiga do prazer. O prazer não consegue conviver com a trans

parência, já que esta lhe nega o mistério do véu que intensifica o desejo. “O jogo com a ambiguidade e ambivalência, com mistério e enigma eleva a tensão erótica, e, assim, a transparência ou a univocidade levaria ao fim do *Eros*” (HAN, 2017, p.40). É desse modo que a sociedade da transparência se tornaria pornográfica, pois é em nome dela, da transparência, que se exige um desnudamento ilimitado, que sacrificaria o prazer trazido pelas fantasias. E esta, diz Han (2017, p.41), é essencial para a economia do prazer, já que estabelece, através do jogo imaginativo, o adiamento temporal. Para ele, a fruição imediata não permite esse jogo, desembocando, deste modo, em uma sociedade pornográfica.

Os temas da exposição e da evidência prosseguem no quarto capítulo através das noções de pornografia e obscenidade, em um diálogo com a visão teológica política de Giorgio Agamben. Por sua vez, sua abordagem vai utilizar-se dos pensamentos de Benjamin, sobre a nudez, e de Kant, sobre o sublime (CUNHA, 2015). Han vai mostrar que a transparência não é o meio do belo. Para isso, cita Benjamin:

para a beleza é indispensável uma interligação indissolúvel entre velamento e velado; pois nem o véu nem o objeto velado são o belo, mas objetos em seu véu. Mas desvelados, iriam se mostrar infinitamente invisíveis... Não se deve, portanto, designar diferentemente aquele objeto ao qual é essencial ser recoberto por um véu. E uma vez que só o belo e fora dele nada mais pode ser essencialmente velante e velado, *o fundamento divino ontológico da beleza repousa no mistério*. (BENJAMIN, apud HAN,

2017, p. 51 – grifo nosso)

A partir daí se estabelece uma discussão entre o belo e o sublime na tradição cristã ocidental. O sublime vai além do belo, pois supera a imaginação, assim como supera qualquer representação ou substituição. Porém, o corpo desnudo, sem o véu, transparente, não é sublime, porque é justamente a exposição que o torna carne e, conseqüentemente, obsceno. Han reforça neste capítulo a ideia de que a transparência elimina o mistério e que por isso transforma o corpo em pornografia: “Pornografia é a face que se sobrecarrega até em panturrar-se de valor expositivo” (HAN, 2017, p.59). Dito em outras palavras, o capitalismo é o que torna a sociedade pornográfica quando transforma a sexualidade em mercadoria, conferindo a ela uma hipervisibilidade.

Trazendo novamente o tema da fotografia, Han discute, a partir de

Barthes, a falta de intensidade semiótica das imagens midiáticas. Essa hipervisibilidade e excessos das imagens midiáticas excluem a memória e servem apenas para uma satisfação imediata, transformando-se em imagens pornográficas, que são “desculturalizadas, não apresentam nada que possa ser lido... Elas se esvaziam em *espetáculo*; a sociedade pornográfica é uma sociedade do *espetáculo*” (HAN, 2017, p.67).

No capítulo denominado *Sociedade da aceleração*, Han discute a Teoria da Obscenidade em Sartre, aplicando-a aos corpos sociais, seus processos e movimentos. Afirma que o corpo social se torna obsceno quando perde sua narratividade, seu direcionamento e seu sentido. A sociedade da transparência perdeu seus rituais e cerimônias, que são processos narrativos, uma vez que têm seus tempos, ritmos e cadências específicos e os substituiu pela hiperatividade, pela hiperprodução e pela hipercomunicação. Nesse processo atingiu-se a memória, que se tornou um amontoado de lixo e de dados desorganizados em “lojas de sucata”, despojados de sua história (HAN, 2017, p.76).

A perda da narratividade prossegue como tema do capítulo denominado *Socie-*

RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção v.18 n.54 dezembro de 2019 ISSN 1676-8965

122

dade da Intimidade. Aqui Han se utilizará das reflexões de Sennett em *O Declínio do Homem Público* para demonstrar que o mundo se tornou um mercado onde se expõem, consomem e vendem intimidades. Ele considera a intimidade como a fórmula psicológica da transparência: “imagina-se alcançar a transparência da alma revelando-se os sentimentos e emoções íntimos, desnudando-a” (HAN, 2017, p.81). Esse desnudar da alma tem seu corolário nas redes sociais e sites de busca, onde se encontram apenas os que são iguais. Eliminou-se aí a negatividade e apenas se oferece aos usuários aquela parte do mundo que lhe agrada. O caráter público é substituído pela publicização da pessoa, transforma-se em espaço de exposição. A sociedade da intimidade é psicologizada porque está voltada para a exibição mais aguda da subjetividade dos indivíduos.

Juntamente com a perda da narratividade, a sociedade da transparência vê surgir um novo tipo de panóptico, o panóptico digital, diferente daquele da sociedade disciplinar, no qual a vigilância despótica exerce seu poder a partir do centro. O novo panóptico é isento de perspectiva e por isso mesmo, é mais eficiente.

A permeabilidade transparente a perspectivística é muito mais eficiente do que a supervisão perspectivística, visto que é possível ser iluminado e tornado transparente a partir de todos os lugares, por cada um (HAN, 2017, p.106).

O panóptico digital é também mais eficiente porque, ao contrário dos habitantes do panóptico de Bentham, os digitais acreditam estar em liberdade, estão ligados em rede e se comunicam intensamente entre si. A transparência é reforçada pela hipercomunicação, com os indivíduos expondo-se continuamente a partir de uma necessidade interna: “o medo de renunciar à sua esfera privada e íntima dá lugar à necessidade de se expor à vista sem qual quer pudor” (HAN, 2017, p.109).

Com esse pensamento, Han conclui sua visão da transparência como uma das principais características da sociedade contemporânea. Os indivíduos se tornaram transparentes por uma constante necessidade de exposição, um constante desnudamento e renúncia à privacidade.

A sociedade perdeu sua capacidade narrativa e vive em um tempo acelerado, sem memória, em que tudo acontece de forma hiperbólica: as atividades, a produção e a comunicação.

Finalmente, a transparência, estimulada ainda mais pela vida digital, pelas experiências que acontecem na rede mundial de computadores, lançou os indivíduos em uma hipervigilância mútua, que supera a ideia do panóptico, porque descentraliza e é global. A transparência vai além à nudez, uniformizando as pessoas, transformando-nos a todos em mais do mesmo.

Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época da sua reprodutibilidade técnica. In Walter Benjamin. *Obras Escolhidas*, p.165-196. 5ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

CUNHA, Diogo Silva da. Positividade, Transparência e Controlo. A Sociedade da Transparência. *Comunicação Pública*, v. 10, n. 17, 2015. Disponível em <http://journals.openedition.org/cp/913> (Consulta em 11/10/ 2019).

WEST, Adrian Nathan. Media and Transparency: An Introduction to Byung-Chul Han in English. *Los Angeles Review Books (LARB)*, 14/09/2017. Disponível em <https://lareviewofbooks.org/article/media-and-transparency-an-introduction-to-byung-chul-han-in-english/> (Consulta em 05/10/2019).

HAN, Byung-Chul. Aviso de derrumbe. *El País*, 21/03/2014. Disponível em: http://cultura.elpais.com/cultura/2014/03/18/actualidad/1395166957_655811.html (Consulta em 05/10/2019).

RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção v.18 n.54 dezembro de
2019 ISSN 1676-8965